

# Identidade cultural e diáspora

STUART HALL \*

**ARTIGO  
APENAS  
DISPONÍVEL  
NA EDIÇÃO  
EM PAPEL**

Está a nascer nas Caraíbas uma nova cinematografia que se vem juntar ao grupo dos outros “Terceiros Cinemas”. Ainda que diferente, esta cinematografia está relacionada com os filmes vibrantes e outras formas de representação visual dos “negros” afrocaribenhos (e asiáticos) das diásporas do Ocidente – os novos sujeitos pós-coloniais. Todas estas práticas culturais e formas de representação têm no centro o sujeito negro e põem em causa a questão da identidade cultural. Quem é este sujeito novo que emerge agora do cinema? De onde fala? As práticas de representação envolvem sempre as posições a partir das quais falamos ou escrevemos – as posições da *enunciação*. O que as teorias da enunciação mais recentes sugerem é que, embora falemos, por assim dizer, “em nosso nome”, de nós próprios e com base na nossa própria experiência, quem fala e o sujeito de quem se fala nunca são idênticos, nunca estão exactamente no mesmo lugar. A identidade não é tão transparente ou desproblematizada como gostamos de pensar. Por isso, em vez de pensarmos na identidade como um facto, que encontra representação *a posteriori* em práticas culturais novas, talvez devamos pensar na identidade como uma “produção”, algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da representação. Este ponto de vista problematiza a própria autoridade e autenticidade que o termo “identidade cultural” reclama.

O nosso objectivo é abrir, neste lugar, um diálogo, uma investigação sobre o tema da identidade e da representação cultural. Como é óbvio, o “eu” que escreve tem de ser ele próprio entendido como um “enunciado”. Todos nós escrevemos e

---

\* Professor Emeritus, Open University, Reino Unido